

OS BLUES QUE NÃO DANÇAMOS



Os blues que não dançamos

FRANCK SANTOS



*Eu não sabia
que virar pelo avesso
era uma experiência mortal.*

(Ana Cristina César)



Para ler ouvindo vozes roucas e aveludadas...



ANTES



Desde que o conheci, Pedro, minha ansiedade, minha insônia e minhas taquicardias aumentaram. Como agora, nesta noite, nesta sala escura, ainda nem tirei as roupas do corpo, ligo o televisor e o rádio para ouvir alguma voz e, com isso, ter a sensação de que há pessoas em casa, de que a solidão será amenizada. Abro as janelas, uma luz noturna de origem indefinida – não sei se é a Lua ou neon – invade a sala. Ligo o computador e espero ansioso para acessar meu e-mail e ter notícias suas, porque só temos contato através de e-mails. Estou aqui nesta casa em obras, mas me vejo caminhando pelas ruas noturnas e despertas da sua cidade, da sua cidade, Pedro, da metrópole onde moras. Você me compreende? Diga que sim, abra espaço em você para o meu desejo.

Desde que nos conhecemos naquele site de relacionamentos, minha solidão, minha tristeza, meus dias e minhas noites não são mais os mesmos. Será que inventei você? Será que inventei esta história? Pergunto-me por que você insistiu desde o início que abominaria todas as outras maneiras de nos comunicarmos, quando existem tantas mídias, tantos meios, ficarmos nessa limitação de trocas de e-mails, nenhuma imagem, nenhuma voz, nenhum som? Ao pensar nisso entro em pânico. Sinto-me uma ilha dentro desta Ilha onde moro. Contudo, sei que somos raros. Raros.

Ouçõ passos lá fora. Será você chegando? Queria estar caminhando na sua calçada agora, o vento frio na cara limpa, alguns gatos, alguns cães, alguns ratos na noite escura e deserta que deve ser a da sua casa. Será que está dormindo? Meu coração sofre por amor, por você, por nós. Fantasio

tudo. Fantasio você. E esse computador que não abre? E seus e-mails que não chegam?

Imagino seus olhos. Você me disse que são castanhos. Olhos e cores. Cores e olhos. Cores de olhos. Que importa se são castanhos, azuis ou amarelos? A visão está nas cores. O poder das cores. O poder dos olhos, dos seus, dos meus. O poder da cor dos olhos seus, nos quais me perderia e me encontraria. Como ser seu sem ter você? Um emaranhado de cores e olhos e palavras nos alcançam. Queria meus olhos cinzas nos seus olhos castanhos. Me acalmaria nessa noite, nessa sala escura, nessa quase luz que vem de fora. Desligo a tevê e o rádio para nenhum som perturbar a visão que tenho do seu rosto agora. Um rosto branco, barbudo, olhos castanhos, lábios carnudos, dentes brancos perfeitos, um rosto num homem quase chegando aos quarenta. Beijo seus olhos, lacro sua boca com minha língua. Silêncio o silêncio. Você me prende pelo olhar, seu castanho olhar, mas agora tão escuro como a noite e a solidão nos quais navego. Mas meu olhar vasculharia sua rua, os becos, você perdido de nós se por aí estivesse. A visão depende da claridade do momento, a lágrima no olho alaga a visão. Inunda a cena. Saberia entender a extensão de mim em você e de você em mim pelo olhar.

Ligo o som, coloco Gal Costa, quero voz, quero música. Agora escuto Gal. Algumas coisas dela são completamente descartáveis, mas ela é Gal Costa. O nome dela é Gal. O meu é Bento. O seu é Pedro. Mas estava contando que Gal me disse que se chama Gal, você não sabia? Ela nunca contou a você? Nunca? Jura? Pois ela gritou pela casa inteira, nessa casa em obras, várias vezes, que o nome dela era Gal. Foi exatamente aí que comecei a desconfiar que ela não era Gal, como não sei se você se chama Pedro, se me chamo

Bento. Em vinil, ouço o álbum 'Meu nome é Gal'. Este disco me transporta para uma época em que se acreditava num futuro, futuro esse que acho que chegou conosco. A música tem esse poder, essa magia de máquina do tempo. Infelizmente, ela não transporta corpos, apenas a mente viaja. E nossa trilha sonora? Já pensou numa música nossa? Ah, meu coração... Freneticamente impedido, pesado, atado... E a nossa vida Pedro? O que me conta sobre a vida?

E esse computador que não abre? Essa internet que nunca atende aos meus apelos? Vou mudar a velocidade, não aguento essa agonia, essa espera... Então, vejo mensagem sua. Qual a data? Horário? Não importa. Importa sim, de ontem. Você me diz que estava na casa de amigos, jogavam tranca, aliás, observava-os jogarem. Que estava indeciso se saía ou não, se ia dançar. Eu aqui com urticária e você pensando em ir dançar. Queria dançar um pouco num lugar misto de bar e boate, onde serve comida também, que achava o melhor lugar dos últimos tempos. Pensou numa boate, mas queria um lugar mais calmo. Pensou na grana e se imaginou cansado de dançar, sentado num canto olhando pensativamente as pessoas... Enquanto eu me corroía de insônia e ansiedade, você estava em algum lugar de São Paulo dançando? Não faz isso comigo, Pedro! Mas vamos lá, foste ou não? Ah, estava também ansioso, ficou andando de lá para cá no apartamento, saiu para andar e comer algo num bar que frequenta, o 'Corsário'? Menos mal, porque, depois que percebi que no mundo há você, não consigo imaginar a felicidade longe de ti. Como não estou ao seu lado, choro. Choro porque queria estar no 'Corsário' também, choro porque queria ir comer e dançar e dormir com você. Como abraçarei você com meu corpo molhado de lágrimas? Como acariciarei seu rosto com minhas mãos

lanhadas de procurar você na mata suja de outros corpos? Como beijarei você com meu hálito de vinho e vodca que toda noite inutilmente bebo tentando me aquecer e esquecer de mim, e esquecer você? Eu lhe disse que ando bebendo mais do que o normal, para os dias úteis? Eu não queria dizer “eu te amo” com voz cansada e bêbada. Estou com fome, o que poderia comer? Tenho comida natural, congelada; pouco, umas duas bandejinhas de panquecas, um hambúrguer de lentilha, coisas assim, mas que demoram a ficar prontas, descongelar. Acho que farei dois ovos quentes, caipiras.

Acordei cedo, como sempre, mesmo nos finais de semana. Hoje é sábado. Já tomei café, acordei com fome após aqueles dois ovos de ontem à noite. Tinha torradas integrais com maionese de atum, biscoitos água e sal, um chá de maçã com mel silvestre. E você, Pedro, ainda dorme? Será que foi dançar? Ou ficou bêbado como eu? O céu está azul, sem nuvens, como está o seu céu, seu sábado? O que separa você de mim e eu de você é a tela do computador, um mundo de bytes, velocidade por segundo, megabytes, essas fronteiras geográfica e virtual. Esse admirável mundo novo tecnológico não me atrai, mas foi ele que nos uniu. Entretanto, eu quero você aqui, fico imaginando coisas que faríamos... Penso em lugares nos quais deveríamos ir juntos: pequenos lugares, espalhados por essa cidade, para dizer que lá ou ali estive com... Pedro. Em um restaurante à beira-mar, comeríamos e dançaríamos, ou nos embriagaríamos. Faria você reparar nas ruas estreitas, nas ladeiras, nas pessoas; que você sentisse o cheiro, os sons, as cores de um dia ou todos eles juntos, todos os dias que quero passar com você.

Abro um e-mail seu agora. Acaba de chegar. Você me conta sobre a baixa temperatura dessa manhã, que imagina minha cidade quente o ano todo, o que seria perfeito para você, pois odeia acordar nas manhãs frias. Que pensou ontem muito em mim. Que sentiu uma certa solidão, que os livros têm sido seus fiéis companheiros, um pouco mais do que sempre foram. Dói-me sua ausência, dói-me não estarmos juntos para falarmos de nossos escritores preferidos, dói-me não nos termos nessa manhã. Mas rio por você

passar o que também sinto, rio pelo nosso vínculo, você é o sobrevivente do meu naufrágio interior. Permita-nos, um sobrevivente-sobrevivente vivo. São tantas expectativas, na verdade; e expectativas, hoje, atemorizam-me um pouco, porém, tenho todas como possíveis, aqui nesta manhã de sábado, nesta minha casa em obras, sem vidros nas janelas... Esperando, também, melancolicamente, senão quixotesca ou borgeanamente – só o tempo dirá –, o que poderia compartilhar contigo. Ando amando você de uma forma tão legal que o máximo que posso dizer é que sinto sua falta. Será que você ainda me lê? Quem é você mesmo? Será que sabemos quem somos para nos mantermos ligados apenas através de palavras, frases, textos que comportam sentimentos? Essa troca de carinho sem toque? Sem olhares? Sem a magia da pele? Apertos de mãos? Encanto dos olhos? Mas quero você e, por isso, lamento todos os homens aos quais não me entreguei, todos que vieram e virão bater na minha morada; lamento os que não pude corresponder, os que não me corresponderam; lamento todos os que se iludiram comigo, porque nunca pretendi iludir ninguém. Será que sou uma pessoa e tento fingir que sou outra? E você, quando vai se revelar? Quero uma imagem sua, qualquer uma, você já tem várias minhas, por que esse medo de se mostrar fisicamente? Como encontro você no Facebook? Você me diz que não tem, mais uma vez me diz ter aversão às mídias, sejam quais forem. Entendo, mas não compreendo. Como não compreendo e nem entendo esse meu gostar de você. No entanto, eu o escolhi entre tantos que deram um retorno àquele meu anúncio. Suas características físicas, seus gostares, um homem musical, que faz da música seu ofício... Escolhido como você me escolheu entre tantos também. Como disse Caio Fernando Abreu,

“uma alma deserta reconhece de imediato outra alma deserta”, ainda que essas almas estejam num mundo paralelo, que é esse em que nos encontramos; esse mundo virtual.

A minha faxineira chegou.

Você me responde que continua deitado, com fome e não se anima a levantar. Que sua professora de piano, Júlia, está doente, uma grave pneumonia. E você vai lá e ela segura sua mão e fica piscando para você. Que são dois namorados, mesmo ela tendo oitenta e sete anos e você quase quarenta. Diz que levará algo para ela ler. Que conheceu duas garotas ótimas, Cristina e Sônia, e adoraria que eu as conhecesse também; que são casadas e pessoas admiráveis, amigas que bastam a você em termos de amizade. Não deixo de sentir ciúmes de Júlia, Cristina e Sônia por fazerem parte do seu mundo, dos seus dias, das suas noites...

